

No Saara em Busca de Idéias

O Rio de Janeiro sempre foi uma cidade comercial. Desde o tempo da Colônia, é certo. Mas não é o tempo ou a antiguidade que fazem do Rio uma cidade essencialmente mercantil. Foi e é, possivelmente, a sua localização como porto, junto à Baía de Guanabara, que propiciou e propicia ao Rio ser uma cidade viva, vibrante, ligada às inovações do mundo, ligada aos mercados nacionais e internacionais. Por ser comercial, o Rio chegou a ser discriminado nos tempos em que a moda era a industrialização. Aí, então, quando o fordismo era a moda, São Paulo, no interior, julgou-se melhor.

Esta distinção entre cidades do litoral e cidades do interior é clássica. Platão, quem diria, já havia notado as diferenças entre Atenas, no litoral, e Esparta no interior. É ele que diz que as cidades litorâneas eram mais vivas, cosmopolitas, acostumadas com as novidades que vinham de fora, que chegavam ao porto, com as diferenças culturais. E que as cidades interioranas eram mais fechadas, presas às suas próprias crenças, ligadas à produção agrícola ou industrial. As cidades não litorâneas do estado de São Paulo e de Minas não nos deixam enganar.

Mas o mundo de hoje é o mundo dos serviços, das trocas intensas e instantâneas, do diverso, do consumo customizado, do entretenimento, do espetáculo. As ruas das cidades fervilham com as novidades do mercado. E é aqui, no Rio, nas ruas do Rio, que nós vamos redescobrir esta capacidade comercial, empreendedora, flexível, própria dos cariocas. A intensa atividade comercial do Rio é histórica: pode ser observada desde os tempos da colonização portuguesa, onde pessoas ofereciam tecidos, alimentos, frutas, e doces nas ruas. Debret, Rugendas, Marc Ferrez, todos retrataram o mascate, o lambe-lambe, o

quiosque, o burro sem rabo, as baianas, o garrafeira, o amolador de facas, os meninos vendedores de jornais, o camelô, nome, aliás, advindo do francês camelot.

Hoje, o mundo informal se associa ao mundo flexível, com todas as conseqüências desta fusão, boas e más. Há é claro, os que se assustam com esta efervescência que combina o mais antigo com o mais moderno. Mas esta tendência avança desde os anos 70 e junta a economia reestruturada, flexível, com a informal, subterrânea, submersa e que cria nas nossas cidades um fenômeno novo. No Rio, a melhor expressão deste mundo novo está não nas ruas da Zona Sul, mas no mercado do Saara e proximidades, no centro da cidade.

Se alguém quiser entender como é que funciona o comércio urbano dos dias de hoje, que junta objetos de toda a parte do mundo, que liga de alguma forma o comércio formal com o comércio informal, deve ir ao Saara e na área próxima do metrô - estação Uruguaiana. A atividade que ali se desenvolve não é um fenômeno transitório e nem desaparecerá no futuro previsível da economia nacional e mundial. Ao contrário, esta atividade híbrida tende a concentrar cada vez mais pessoas de maior nível de escolaridade e com maior capacidade de empreendedorismo.

Os urbanistas e economistas devem prestar maior atenção ao que se desenvolve ali no centro do Rio de Janeiro. Não é mais possível separar o flexível do informal. Não é mais possível pensar em trabalhadores e operários. Ali, naquela área que tem nome de deserto, é que encontraremos as idéias para compreender a cidade comercial contemporânea.